



Podcasts em sala de aula: tecnologias educativas e pedagogias orais

Pedro Bezerra Ribas¹
Ana Luiza Noronha²

Resumo

Essa pesquisa apresenta dados construídos pela equipe do Mundaréu, um *podcast* de antropologia produzido pelo Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (DAN/UnB) e o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas (Labjor/Unicamp). Os dados a serem discutidos no presente artigo derivam do projeto “O que faz a Antropologia? Desenvolvimento e estruturação de um *podcast* como um recurso digital de apoio ao ensino e à aprendizagem”, desenvolvido pelo Mundaréu e apoiado pelo CEAD/UnB entre 2020 e 2021. O objetivo do projeto foi conhecer como os *podcasts* podem ser usados em disciplinas e cursos voltados para o ensino da antropologia. Para tanto, foram aproveitados oito episódios da primeira temporada do Mundaréu (2019-2020) e nove episódios de sua série Mundo na Sala de Aula (2020). Os episódios foram utilizados em 15 turmas, 10 disciplinas e cerca de 850 discentes de 32 cursos de graduação e pós-graduação da UnB. Cada episódio foi acompanhado de materiais didáticos complementares, como: questionários, roteiros de audição e debates em sala de aula promovidos pelo Mundaréu. Aqui, pretendemos discutir dois conjuntos de dados gerados ao longo do projeto: (i) a avaliação que professores e estudantes envolvidos nas disciplinas fizeram do *podcast* como ferramenta didática; e (ii) o uso da oralidade e de conteúdos auditivos para construção de planos pedagógicos das aulas de antropologia ofertadas pela UnB durante 2020. Para refletirmos sobre estes pontos, debateremos, em primeiro lugar, sobre o contexto em que o uso de tecnologias digitais vem crescendo nos espaços de ensino. Em segundo lugar, serão apresentadas as diferentes formas como o *podcast* foi utilizado pelos docentes e discentes a fim de incluir o áudio e a oralidade no ensino de antropologia. Em respostas avaliativas, estes grupos destacaram os materiais pedagógicos não escritos sendo conteúdos de grande valor pedagógico. Permitir que estudantes interajam com múltiplos meios educativos facilita o engajamento e articulação do conteúdo em sala de aula. Analisamos tais observações com precaução, uma vez que existem desafios para os estudantes consumirem o *podcast* enquanto material didático. Por fim, refletiremos sobre o conteúdo auditivo e a oralidade em práticas pedagógicas, considerando a possível continuidade do experimento e o convite para a comunidade acadêmica colocar em prática projetos que incluam *podcasts* como ferramentas no processo de aprendizagem.

Palavras-chave: podcasts, ensino, Antropologia, Mundaréu

Introdução

Entre março de 2020 até hoje enfrentamos a pandemia da Covid-19. A rápida transmissão do vírus fez com que uma das medidas recomendadas para evitar a contaminação

¹Graduado em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: ribas.pedro97@gmail.com.

² Graduada em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: ananc35@gmail.com.

e a possível morte de muitas pessoas fosse a de adotarmos o isolamento social. Com isso, muitos de nós nos adaptamos para ter nossas vidas dentro de casa, utilizando as telas e o mundo virtual para continuar nossos trabalhos, nossas interações sociais e a nossa vida acadêmica.

A Universidade de Brasília (UnB) teve suas atividades interrompidas em março e retornamos apenas em agosto, utilizando o ensino a distância como alternativa para tornar as aulas viáveis. As inovações digitais foram utilizadas como recurso didático, já que são vistas como tecnologias promissoras para estimular impactos sociais e educacionais. Diante do contexto da pandemia, alunos e professores utilizaram dessas tecnologias para tornar o ensino possível e estimulante.

Neste artigo, observamos uma dessas mídias, o *podcast*, sendo usado como material didático em disciplinas sobre antropologia ofertadas pela Universidade de Brasília (UnB). Retratamos dados coletados por meio do projeto “O que faz a Antropologia? Desenvolvimento e estruturação de um *podcast* como um recurso digital de apoio ao ensino e à aprendizagem”, coordenado pelo *podcast* de antropologia *Mundaréu*³, com apoio do Centro de Educação a Distância da Universidade de Brasília (CEAD). O projeto em questão usou oito episódios do *Mundaréu* e nove episódios de sua minissérie “*MunSA*” (Mundo na Sala de Aula) como conteúdos didáticos em aulas remotas ao longo do primeiro semestre letivo de 2020, entre agosto e dezembro daquele ano. A equipe do projeto foi composta por nove estudantes do Departamento de Antropologia da UnB (DAN/UnB) e contou com a coordenação da professora Soraya Fleischer, do mesmo departamento e co-criadora do *Mundaréu*. O objetivo deste projeto foi trazer inovações para a sala de aula, focando no desenvolvimento de novos materiais e métodos que melhor se adequassem à situação de ensino a distância proporcionada pela pandemia do vírus da Covid-19 ao longo do ano de 2020. Também se buscou conhecer de que forma as alunas, alunos, monitores, monitoras, professoras e professores poderiam fazer uso de conteúdos auditivos em seus programas, cursos e aulas. Durante a pesquisa, recebemos 156 retornos avaliativos de alunos e alunas, sendo 119 via formulários e 37 por meio de respostas escritas. Além destes, recebemos avaliações do experimento vindos de 10 professores e professoras.

³ O *Mundaréu* é um *podcast* produzido em colaboração entre o Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (DAN/UnB) e o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas (LABJOR/Unicamp).

O *Mundaréu* já contava com oito episódios prontos de sua primeira temporada, que havia começado em novembro de 2019, antes da pandemia. Em meados de 2020, as estudantes da equipe se organizaram para realizar uma minissérie com nove episódios, o *Mundo na Sala de Aula (MunSA)*, lançado entre os meses de agosto a outubro de 2020, e que atualmente está veiculando sua segunda temporada. Com esse material, convidamos professoras e professores de Antropologia que atuam tanto no DAN/UnB como em outros departamentos e faculdades da universidade, como o Departamento de Saúde Coletiva (DSC/UnB), a Faculdade de Planaltina (FUP/UnB) e a Faculdade de Ceilândia (FCE/UnB) a conhecerem os dois conjuntos de *podcasts* e avaliar se e como gostariam de utilizá-los em seus cursos. Sugerimos que o *podcast* serviria como uma ferramenta que permitiria elaborar roteiros pedagógicos e educativos adaptados à realidade educacional das e dos estudantes, e propusemos que experimentassem essa nossa hipótese. Com a autorização das professoras e professores, acompanhamos 15 turmas⁴ em 10 disciplinas e cerca de 830 discentes de 32 cursos diferentes da Universidade de Brasília. As aulas foram realizadas via videochamada ou por meio de atividades assíncronas. Ao longo do período de condução do projeto, nossa equipe criou questionários, roteiros de perguntas, dinâmicas e debates em sala de aula a fim de gerar discussões a partir dos conteúdos do *podcast* e ajudar no aprendizado de antropologia.

Nosso trabalho tem como objetivo refletir sobre a formação de relações pedagógicas a partir do *podcast* educativo. Desenvolveremos sob dois pontos centrais: (i) a avaliação das e dos professores e estudantes do *podcast* como ferramenta didática, e (ii) a importância do uso da oralidade e de conteúdos auditivos dentro do contexto pedagógico das aulas de antropologia ofertadas pela UnB. O artigo foi organizado em três partes: primeiro, demos um panorama geral sobre o uso do *podcast*, principalmente no contexto da educação. O consumo e a produção dessa mídia é algo que vem crescendo nos últimos anos e, devido à pandemia de Covid-19, observamos um crescimento no uso e na elaboração de episódios com o objetivo de disseminar conhecimento. Na antropologia isso é visível já que no período obtivemos conhecimento de mais de 14 *podcasts* sobre a área, sendo que a maioria deles surgiram durante a pandemia. Na primeira sessão também falamos um pouco sobre como as vozes e as histórias que contamos nos episódios foram companhias e fontes de afeto durante o período de isolamento social.

⁴ As aulas foram realizadas nas seguintes disciplinas: Antropologia e Mercado de Trabalho, Introdução à Antropologia, Antropologia da Saúde e Sociedades Indígenas, Teoria Antropológica 1, Métodos e Técnicas em Antropologia Social (DAN-UnB); Saúde e Sociedade 1 e 2, Ciências Sociais em Saúde, Pesquisa Social em Saúde (Departamento de Saúde Coletiva); e para o curso de Formação de Professores da Escola Parque de Brazlândia (Grupo de Estudos e Extensão LABECA – Laboratório Interdisciplinar de Educação, Cultura e Arte).

Segundo, apresentamos o desenvolvimento e alguns dados de nosso experimento didático com o *Mundaréu* em sala de aula. Na sessão, contamos o processo de desenvolvimento e execução do experimento e também falamos sobre o contexto de como as aulas estão ocorrendo na Universidade de Brasília. Acreditamos que é importante relatar as estratégias que os professores e professoras utilizaram para inserir o *podcast* dentro de sala de aula e tornar os conteúdos atraentes para os alunos. Devido aos questionários aplicados, conseguimos observar como foi essa experiência dentro do contexto do público que selecionamos para o experimento.

Terceiro, lançamos algumas reflexões sobre o conteúdo auditivo e a oralidade em práticas pedagógicas. Por fim, terminamos com algumas conclusões sobre a possível continuidade do experimento e convite para demais professoras, professores e/ou estudantes a porem em prática projetos que pensam a oralidade, o uso de *podcasts* e de conteúdos auditivos como ferramentas potentes para ajudar no processo de aprendizagem.

***Podcast* como instrumento de ensino**

Como vários outros projetos educacionais que surgiram durante a pandemia da Covid-19, nosso projeto procurou transpor o ensino da sala de aula, de modo presencial, para as plataformas digitais, de modo remoto. Buscou-se então criar conteúdos educativos e didáticos que facilitassem o contexto de ensino *on-line*, usando tecnologias digitais, como telefones celulares, aplicativos e demais produtos da internet. Atualmente, essas ferramentas são bastante exploradas por educadoras e sistemas educacionais, que veem em seu uso uma promessa de ensino e uma relação pedagógica mais flexível, adaptável e democrática (SOLANO; SÁNCHEZ, 2010). O interesse em tornar-se digital é conseguir garantir o ensino sem limites de tempo e espaço, permitindo que estudantes tenham, de suas casas, acesso às aulas e estudem no horário que lhes for mais conveniente.

O *podcast* é um exemplo de tecnologia digital para ajudar nessa transição do ensino presencial para o ensino *on-line*. Ele é um formato midiático baseado na publicação de arquivos de áudio via internet. O *podcast*:

Mesmo tendo o áudio como veículo, a produção de áudio difere do modelo tradicional de muitas rádios pela maior variedade de acesso e o foco no conteúdo. O arquivo pode ser em formato MP3 e ser ouvido *on-line*, via streaming, pelo tocador de áudio digital de preferência da usuária ou baixados e guardados para audição futura. (Fleischer; Mota 2021: 6)

Além dos meios de acesso e disseminação do conteúdo, também nos interessa a maneira como é consumido: enquanto a maior parte de conteúdos da internet são de consumo visual – via vídeo ou escrita – o *podcast* é baseado na escuta e na audição. Embora não substitua o texto, o *podcast* pode incluir efeitos, conteúdos e materiais que não são possíveis de replicar na escrita, como o sotaque, efeitos sonoros e até estilos narrativos (Fleischer; Manica 2020). Apesar de ser digital, ele não depende do uso da tela, descarregando o esforço que fazemos para manter a visão concentrada.

O *podcast* ainda é uma mídia em crescimento no Brasil. Os primeiros episódios brasileiros começaram no início dos anos 2000, porém, somente a partir de 2017 se observa um crescimento expressivo do consumo e da produção brasileira dessa mídia. Segundo uma pesquisa de 2020, realizada pela “*podpesquisa*”, da Associação Brasileira de PodCasters, o Brasil possui uma estimativa de 34,6 milhões de ouvintes de *podcasts* (ABPOD 2021). Apesar de expressivo, o número continua em crescimento. Embora muitos dos programas brasileiros sejam considerados como “amadores”, a *podpesquisa* indica que há uma variedade de temas sendo abordados em nosso país, reunindo desde jornalismo e comunicação até categorias como *geek* e cultura nerd⁵. Entre elas, a categoria ensino e educação é a terceira maior categoria de *podcasts* produzida no Brasil (consumido por cerca de 12% do total de ouvintes) (ABPOD 2021).

Vale ressaltar que a comunidade de ouvintes, produtoras e produtores de *podcasts*, a “*podosfera*”, não é uma extensão digital das mídias tradicionais, como revistas, jornais e programas de rádio. A mídia *on-line* representa uma nova maneira de circulação e divulgação de conteúdo e comunicação (Solano; Sánchez 2010). São novas formas de acesso, notificação e comunicação com o público, conduzindo mudanças do paradigma de consumo e criação de conteúdos (Downes 2007). Com isso, imaginamos os *podcasts* educativos, científicos e acadêmicos podendo representar uma oxigenação dos métodos de ensino e divulgação científica, justamente por serem capazes de engajar de uma forma diferente com o público (Fleischer; Mota 2021).

Notamos que em 2019 e 2020 houve um ânimo por parte de educadoras, educadores e, neste grupo, antropólogas e antropólogos em participar da *podosfera*. Em razão do grande

⁵ Geeks são consumidores entusiastas de cultura pop, comumente associado ao consumo de literatura de quadrinhos, jogos eletrônicos, filmes de *Hollywood* ou jogos de tabuleiro, entre alguns exemplos. Nerds, por sua vez, é um termo norte-americano usado para descrever entusiastas pelo conhecimento de alguma área de estudos intelectual, como Física, História, Biologia, até podendo ser Antropologia.

número de *podcasts* dedicados ao ensino e à divulgação da Antropologia que surgiram nesse período, em outubro de 2020 foi criada uma rede que reúne e ajuda na divulgação, compartilhamento e colaboração entre os diversos *podcasts* da área, intitulada como rádio *Kere-kere*⁶. Até novembro de 2021, 17 *podcasts* faziam parte dessa rádio: *Antropocast*, *Antropólis*, *Antropotretas*, *BievCast*, *Campo*, *Conversas da Kata*, *Mundaréu*, *Compósita*, *Museológicas*, *Nós Nosostros*, *Urbanidades*, *Olhares Podcast Observantropologia*, *Sensibilidades Antropológicas*, *Antropologia, Ambiente e educação*, *Na real, o que dizer?*, *Trabalho de campo e Poéticas Sociais*. A expansão de *podcasts* educativos que têm como tema a antropologia também é um fenômeno internacional, para mencionar alguns exemplos: *Entre Campos* (Portugal), *The Familiar Strange* e *Myanmar Soundings* (Austrália), *PAI* (Colômbia), *Antropovoces* (Argentina), *Conversations in Anthropology* e *Antropod* (Estados Unidos) e vários outros.

Embora o *podcast* seja um tema de investigação novo para comunidade acadêmica, ele já tem sido tratado por várias pesquisadoras e pesquisadores (Jesus 2014; Souza 2016; Momesso *et al.* 2016). Vale notar que nessa bibliografia poucas referências vêm da Antropologia Social. De todo modo, a comunidade antropológica brasileira já possui alguns artigos que procuram sistematizar experiências, mobilizar projetos e revelar as capacidades e promessas do *podcast* educativo e científico (a rádio Kere-kere, inclusive, disponibiliza uma biblioteca em seu *website*⁷). Na bibliografia nacional, alguns temas e ideias se destacam, sendo elas: (i) o ânimo pela tecnologia poder configurar uma nova esfera educativa (Pinheiro *et al.* 2020; Lacerda; Parreiras 2020) e (ii) proposições dedicadas à diversificação de publicação científica, firmando comprometimento com uma ciência e uma antropologia pública (Fleischer; Mota 2021). Essas duas discussões convergem no nosso projeto, que retrata esforços por parte de educadoras e educadores para aproximar as ferramentas digitais dos ambientes escolares.

Antes de apresentarmos as experiências do nosso projeto, queremos dar um exemplo de outro *podcast* experimentado em sala de aula e elaborado pelo blog “Café com Sociologia”. Este é um blog de professoras e professores de sociologia do ensino médio que desenvolvem diversos experimentos de ensino via ferramentas digitais. Em 2013, um dos integrantes do blog deparou-se com uma turma no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de

⁶ Kere-kere é um momento especial do ano em Fiji no qual a circulação das dádivas é imperativa, e nada pode ser recusado a ninguém. Kere-kere é um dos muitos conceitos de trocas e reciprocidade que a gente encontra no *Ensaio sobre a Dádiva*, de Marcel Mauss. É inspirada nesse clima de trocas e partilha que a rádio procura proporcionar a seus membros e ouvintes.

⁷ www.radiokerekere.org

Rondônia que possuía pouquíssima participação nas práticas pedagógicas em sala de aula. A partir de uma compreensão de como as e os estudantes se atraem por determinado conteúdo, o professor passou a usar o *podcast*, recheado de tecnologia, efeitos sonoros, poemas e uma linguagem acessível para que as discentes passassem a ter curiosidade sobre o conteúdo da sala de aula. Com isso, houve um aumento no rendimento das e dos estudantes e uma melhora na relação entre professor-estudante (Silva; Bodart 2015). Esse projeto recebeu a premiação “Prêmio Professores do Brasil” do ano de 2013.

Silva e Bodart (2015) discutem sobre como a criação de conteúdo, inicialmente passado apenas em sala de aula, através de ferramentas digitais, expande suas fronteiras e pode atingir vários públicos. Como o *podcast* é um conteúdo passível de circular pela internet, este se permite ser revisitado, reproduzido e dialogado entre uma larga escala de ouvintes. Tal relação entre produtoras, produtores e ouvintes permite que o público deixe de ser tratado como consumidor e passe a ter uma posição de interlocutor (Silva; Bodart 2015). As sugestões feitas quanto ao uso do *podcast* como conteúdo educativo retratam a possibilidade de dar uma nova dinâmica entre produtoras-ouvintes e entre professoras-estudantes (Solano; Sánchez 2010).

Como visto no exemplo, nos interessamos em ver que diante da digitalização, abrimos caminhos em diversos domínios que podem levar a novos entendimentos de práticas antes discretas e despercebidas em sala de aula (Cook 2000). O *podcast* é interessante para pensar nelas, pois:

contam com intertextualidades e intertextualidades, já que, além das vozes, podem incluir músicas e efeitos sonoros, trechos de outros materiais, como filmes, poemas ou livros lidos em voz alta, ajudando a produzir paisagens sonoras com muitas camadas de sentido e sensações. Os materiais em áudio podem ser produzidos a baixos custos: há programas livres para edição e audição; não sucumbiram (ainda, felizmente) à comodificação e privatização da publicação científica; e podem ser escutados pelos aparelhos celulares mais populares, mesmo com baixas condições de conectividade. O *podcast* tem, ainda, grande potencial como recurso didático para o ensino remoto e, onde os calendários letivos estiverem suspensos, pode ser uma forma de manter discentes em contato com a área. (Fleischer; Manica 2020: 6)

De todo modo, não nos precipitaremos em fazer promessas de sucesso. O *podcast* ainda continua uma mídia pouco explorada no Brasil, precisando de mais cientistas, educadoras, educadores, produtoras e produtores dedicados a experimentar, compartilhar e sistematizar dados sobre seu uso. Na próxima seção, vamos apresentar dados do projeto “O que faz a Antropologia? Desenvolvimento e estruturação de um *podcast* como um recurso digital de

apoio ao ensino e à aprendizagem”, retratando as experiências de professoras que usaram o *Mundaréu* em sala de aula.

Experiências docentes do projeto

Devido ao contexto sanitário causado pela pandemia da Covid-19, universidades, escolas, centros de ensino tiveram que suspender o modelo de aula presencial. Para colocar em prática o distanciamento e o isolamento social, diversos espaços de trabalho e educação tiveram que ser levados aos ambientes *on-line*. Neste contexto, as aulas da UnB assumiram por completo o modelo de Ensino a Distância (EaD), que passou a contar com uma intensa interação digital, com fóruns de discussão, aulas gravadas, chats, videochamadas e entre outros.

As relações e dinâmicas levadas ao *on-line* são definidas por complexidades e dificuldades de adaptação. Com a mudança para o ensino a distância, além da transição digital da sala de aula, diversas técnicas e métodos também passaram por uma revisão. Coube às professoras definirem como dariam continuidade às ementas, planos de aula e práticas pedagógicas.

Um dos esforços feitos nessa transição foi garantir o acesso democrático ao ensino. O acesso à rede de ensino a distância, que depende da internet, da tecnologia digital e de energia elétrica, mostra que sua distribuição é feita de forma desigual entre estudantes, técnicos, técnicas, professores e professoras. A digitalização afetou drasticamente a capacidade de acesso ao ensino. Essa foi uma preocupação persistente entre as professoras e professores que concordaram em participar de nosso projeto. Apesar de a digitalização cativar interesse, não há nada inerentemente democrático no uso dessas tecnologias. Sua popularização não é possível sem considerar a forma que estruturas políticas e sociais promovem ou inibem o acesso às ferramentas que tornam possíveis (Cook 2020).

No contexto de retomada das aulas, o *podcast Mundaréu* entrou em contato com professoras e professores da UnB. Convidamos a usarem episódios de nosso *podcast* como materiais didáticos. Propusemos que os nossos episódios fossem acompanhados por dois membros da equipe do *Mundaréu*. Em conjunto com os/as professores/as, fizemos propostas de práticas pedagógicas que tornassem o conteúdo mais fácil de absorver e mais acessível para as/os estudantes. Buscamos então, com o uso do *podcast*, definir práticas que ajudassem na transição do ensino presencial para o digital.

Cada dupla de alunos da equipe do *Mundaréu* designada a acompanhar as aulas do experimento utilizou os respectivos planos didáticos dos professores e professoras para articular o plano de aula ao episódio do *Mundaréu* selecionado pela professora ou professor. As duplas tinham liberdade de fazer sugestões e produzir conteúdos adicionais, que seriam usados em sala de aula junto aos episódios do *Mundaréu* e/ou do *MunSA*. Com isso, produzimos roteiros de perguntas, roteiros de audição, exercícios avaliativos, apresentações de textos e rodas de conversas. O objetivo do experimento era o de observar se o *podcast* auxiliava nos debates e nos processos de aprendizagem das e dos estudantes das disciplinas que ensinam conteúdos de antropologia na UnB. Com isso em mente, sugerimos que o *podcast* não fosse um substituto do texto e das aulas expositivas. O objetivo era analisar se o seu uso complementa o ensino e estimula as turmas a fazerem provocações e contextualizar os conteúdos com as experiências pessoais e histórias contadas por profissionais da nossa área científica.

Ao final das aulas, a equipe enviou uma lista de perguntas para que o uso de *podcasts* pudesse ser avaliado por discentes e docentes e produziu também anotações e comentários sobre cada aula. Já na avaliação das professoras, foram feitas as seguintes perguntas:

1. Qual foi a motivação inicial para usar um *podcast* como material didático?
2. Como avalia o material complementar produzido pela dupla?
3. Quantas estudantes estão matriculadas na disciplina? Quantas estudantes participaram do experimento?
4. Como avalia o experimento como um todo? Os objetivos planejados por você foram alcançados com o uso do *podcast*?
5. Pretende continuar usando *podcasts* em sala de aula (no modo remoto e presencial)?

Em suas respostas, as professoras apontam que o contexto de ensino a distância foi o principal motivo para procurarem incluir o *podcast* e outros materiais em sala de aula. Descreveram que o conteúdo do *Mundaréu* e do *MunSA* eram de qualidade, porque a equipe de produção possuía participação e respaldo de acadêmicos, além do aval e financiamento do Centro de Ensino a Distância da UnB. Esse reconhecimento foi um importante motivo para que aceitassem e escolhessem o *Mundaréu*.

Foi destacado entre as respostas que os 11 materiais não escritos são valorizados, tanto por discentes quanto docentes. Permitir que estudantes interajam com múltiplos meios educativos facilita o engajamento e articulação do conteúdo. Descreve uma das professoras:

As turmas gostam que os materiais didáticos sejam variados. Aprendem com muitos materiais, fazem boas conexões entre eles. Em tempos de EAD, apostei em recursos que não dependiam da presença constante diante da tela. E o *podcast* pode ser ouvido e absorvido em outros momentos do dia e não necessariamente sentados diante do computador. Além disso, o *podcast* apresenta as vozes em primeira pessoa, sem mediação de interpretação, como é mais comum nos artigos e livros na Antropologia. Eu queria que minhas turmas pudessem ter acesso direto às pessoas, suas histórias e formas de explicar o mundo. (Camila⁸, resposta dada por meio de questionário no dia 30/11/2020, Brasília)

Estes materiais permitem que estudantes possam fazer comparações e associações entre suas experiências e o conteúdo (Gusmão 2016). O texto continua sendo um elemento central das aulas e em nenhum momento ele foi abandonado. Observamos que os *podcasts* e as práticas pedagógicas geravam uma expansão de interpretações e associações feitas pelas e pelos estudantes. O *podcast* ajudava principalmente na leitura de textos antropológicos-teóricos, como explicou uma professora, dizendo que:

A utilização do *podcast* deu uma dimensão mais tangível para a turma, acho que deixou mais empírica, na falta de uma palavra melhor, a Antropologia. Pois eles puderam perceber questões da pesquisa, da pesquisadora e também questões da vida do entrevistado. (Luana, resposta dada por meio de questionário no dia 22/09/2020, Brasília)

Já entre as estudantes, ao longo do acompanhamento, muitas mencionaram que praticaram suas escutas juntos de demais familiares e parceiros. Entre os lugares e momentos mais comuns de serem escutados, mencionaram quando lavavam a louça, cozinhavam e praticavam exercícios. Essas novidades quanto ao consumo, imaginamos que é por razão do *podcast* não exigir necessariamente a exclusividade de atenção ou espaço. O *podcast* também não criava exclusividade de ouvintes e ao trazê-lo para os espaços domésticos, estudantes puderam incluir a participação de familiares e amigas em suas atividades educacionais.

Embora o *podcast* seja generoso no consumo, alguns desafios existem na adoção de um conteúdo puramente auditivo em sala de aula. O uso educativo de conteúdos auditivos e orais não são praticados em nosso sistema de ensino. A educação em sociedades industriais, como o Brasil, instauram processos educacionais concentrados na escrita (Gusmão 2016). Nesse

⁸ Para manter o anonimato dos entrevistados do experimento realizado, demos nomes fictícios para as professoras com o fim de facilitar a identificação dos depoimentos.

sentido, as estudantes relatam dificuldades de adaptar e aprender com conteúdo auditivos, como explicou uma delas: “Pra mim, aprender com áudio demanda uma atenção dobrada uma vez que ouço *podcasts* enquanto faço outras coisas. Diferentemente de quando estou lendo um texto”.

No geral, as professoras confirmaram o interesse de continuar usando o *podcast* em sala de aula. Também vimos que os docentes pretendem usar o *podcast* de múltiplas formas além da escuta atenta: como em atividades de colaboração, produção e compartilhamento de conteúdo. Notamos que a linguagem e didática auditiva é um novo mecanismo para as estudantes e professoras, de todo modo, na nossa experiência houve muito ânimo e interesse nos novos recursos e principalmente no uso do *podcast* em sala de aula.

Escutar e ouvir como práticas de ensino: usos e contexto de conteúdos auditivos na estrutura de ensino

Na UnB, a maioria das aulas são conduzidas usando conteúdos literários e gráficos. Em nosso projeto, pode ser observado que pouquíssimos estudantes tinham tido a experiência de ter *podcasts* e materiais de áudio como ferramentas de ensino. A dicotomia e a hierarquização da linguagem escrita sobre a oralidade se estendem desde o início da nossa alfabetização até o fim da nossa vida acadêmica e profissional. Argumentam Souza e Mota (2007) que essa estrutura de ensino baseado na escrita e na produção textual é excludente para várias comunidades e grupos sociais. E, segundo Gusmão (2007), essa estrutura pode se traduzir em dificuldades no aprendizado e desinteresse das estudantes com o ensino. O autor aponta que há um limite dos tipos de materiais permitidos de serem integrados em sala de aula, restringido estudantes de trazerem informações, conteúdos e conhecimentos que estão integrados a seus estilos de vida, como músicas, histórias, contos, folclore e entre outros materiais baseados na oralidade.

Além da necessidade de aproximação do conteúdo do curso com o universo das e dos estudantes, é importante atentar-se às diferentes formas de absorção deste conteúdo. O ensino e aprendizagem envolvem várias práticas diferentes, como a memorização, atenção, interpretação, imaginação e escuta. Cada processo desse é único e importante para a fixação do conteúdo. Professoras e professores procuram ativar essas dimensões da aprendizagem a partir de estratégias pedagógicas e, para tanto, usam o material didático como meio.

No nosso projeto, percebemos que havia o interesse por parte das e dos professores em utilizar novas estratégias para implementação do *podcast*. Tanto a equipe quanto as professoras preferiram manter o uso misto de conteúdos escritos (o texto) e auditivos (o *podcast*). Observamos que o uso misto não foi um desafio para estudantes tanto como para os/as professores/as. Os/as professores/as observaram que o *podcast* foi usado em todas as discussões e debates em sala de aula. O *podcast* não apenas trazia uma nova linguagem ao conteúdo em sala de aula, como permitia que estudantes fizessem o mesmo em suas discussões. A razão, como mostra Cook, é que as possibilidades sensoriais, performativas e inventivas oferecidas pela multimodalidade de tecnologias digitais (como o *podcast*) permitem o desenvolvimento e a compreensão de diferentes modos de geração de conhecimento (Cook 2000).

Já por parte dos/as professores/as, muitos relataram que o objetivo principal, que era o de engajar discussões e tornar as experiências de antropólogos mais tangíveis, também foi cumprida. O uso de textos e de *podcasts* aproximou a voz do conteúdo. O *Mundaréu* e o *MunSA* apresentam as vozes de pesquisadoras, pesquisadores, interlocutores e interlocutoras em primeira pessoa, sem mediação de interpretação, como é mais comum nos artigos e livros. A teoria antropológica era então conhecida sem a dissociação entre as pesquisadoras e as interlocutoras. Assim, estudantes puderam ter acesso a uma preciosa ferramenta antropológica que é pouco desenvolvida nas salas de aula (embora muito comum e necessária no trabalho de campo) e necessárias para o nosso ofício: o ouvir (Cardoso De Oliveira 1996).

O *podcast* como conteúdo didático era um objeto muito novo para os/as professores/as e alunos/as que participaram de nosso projeto, e, em geral, ambas as partes tinham muita curiosidade e interesse em incluí-lo em sala de aula. Por terem essa curiosidade juntos, houve a maior disposição de utilizar *podcasts* para tornar a dinâmica de aprendizagem mais proveitosa. Nos diálogos em sala de aula, estudantes usavam histórias, pessoas, traziam músicas e comentavam do processo de escuta para discutirem sobre os episódios. Tipicamente esses tópicos de discussão e reflexão do conteúdo não são vistos em sala de aula, pois são tomados como informais para o ambiente institucional. Por sua vez, as professoras eram mais estimuladas a também incluir e dialogar com esses pontos. Desse modo, a participação em sala de aula envolvia uma aproximação entre as alunas com as professoras. Com isso, temos a aproximação do *habitus* entre estudante e professora/professor, algo que já foi abordado como uma das estratégias para melhorar a comunicação e a troca educacional entre discentes e docentes (Silva; Bodart 2015).

Silva e Bodart (2015) reforçam como o uso do *podcast* pode romper essa barreira entre professora e estudante por utilizar plataformas e elementos que ambos conhecem e têm familiaridade. Em sua pesquisa, eles destacam como o uso de celulares em sala de aula é algo que tem atrapalhado o foco dos alunos dentro das escolas. Era um objeto que não era bem-vindo em sala de aula, não era tido como educativo ou didático. Com isso, eles propõem justamente usar algo que antes “atrapalhava” o ensino para ser uma forma de veicular conhecimento. Dessa forma, usar celulares como materiais educativos, usando seus aplicativos e funções como ferramentas didáticas. Nisso, o *podcast* tem se mostrado eficiente, como falado anteriormente com o projeto “*Café com Sociologia*”. A utilização dos celulares para reproduzir músicas, efeitos sonoros e a construção do ambiente sonoro passa a ser um estímulo para que a/o estudante se envolva com o conteúdo. Com isso, tiramos de cena uma funcionalidade do celular que atrapalharia o ensino e passamos a usá-la como veículo de aprendizagem e forma de aproximar os *habitus* tanto do professor quanto do discente (Silva; Bodart 2015).

Observamos alguns pontos dessa “aproximação de *habitus*” no presente projeto. Por exemplo, a forma em que as histórias do Episódio 1 do *Mundo na Sala de aula* (Oliveira; Nascimento 2020) foram contadas durante uma aula de Introdução à Antropologia fez com que os próprios alunos pensassem em experiências pessoais para fazer uma conexão com o texto que estava sendo discutido na aula. A história sobre o trabalho antropológico feito em ocupações de prédios do Rio de Janeiro, vivida e contada por um dos integrantes da equipe do *Mundaréu*, fez com que um aluno se conectasse emocionalmente, já que tinha vivido uma situação semelhante nas ocupações secundaristas que ocorreram no ano de 2016. Tudo isso resultou em uma discussão muito mais próxima da realidade de vários alunos e incentivou uma absorção mais eficiente sobre o conteúdo do texto “Ouvir, ler e escrever” (Cardoso De Oliveira 1996), que tinha sido recomendado pela professora como leitura para aquela aula.

Segundo a avaliação de professoras participantes de nosso experimento, o objetivo de engajar e melhorar a interação entre os alunos e professores funcionou muito bem. A maioria das professoras pensam em continuar usando essa dinâmica, outras pensam em ampliar o uso do *podcast* envolvendo os alunos no processo de produção e compartilhamento de conteúdo. Estamos estimuladas a seguir utilizando *podcasts* em aulas de Antropologia e, na sua medida, fazendo atualizações. Seguimos interessados em saber como diversificar a metodologia de ensino com a escuta e a participação de alunas na construção do conhecimento em forma de *podcast*.

Conclusão

Mais uma vez, a ideia deste artigo não é a de vender o uso do *podcast* como a solução de todos os problemas de aprendizagem a distância e de inclusão digital. Seria muito prepotente da nossa parte acreditar que isso aconteceria sem uma mudança estrutural de como a escola é pensada e de como a relação entre professor e aluno funciona. Mas, por outro lado, a maioria das estudantes que estiveram presentes no projeto “O que faz a Antropologia? Desenvolvimento e estruturação de um *podcast* como um recurso digital de apoio ao ensino e à aprendizagem”, acharam que o conteúdo se tornou mais compreensível com o uso do *podcast*. As professoras entrevistadas também aprovaram o uso dessa ferramenta e ficaram muito satisfeitas com os efeitos produzidos na participação e na aproximação que o *podcast* causou nas alunas. Isso nos mostra que é uma ferramenta que pode trazer resultados positivos, como também foi observado em projetos correlatos (Alarcón; Bendayan; Blanca 2017; Jesus 2014; Silva; Bodart 2015). Apesar de este projeto ter acontecido apenas dentro da UnB, acreditamos que podemos já perceber o entusiasmo que o uso dessa ferramenta de áudio gera no ambiente universitário que observamos.

O uso da oralidade nos *podcasts* permite o uso de diferentes estímulos durante o ensino de um determinado conteúdo. O uso do áudio, as explicações e o uso dos efeitos sonoros permitem que uma educação mais oral ocorra, contribuindo tanto para a utilização de novos métodos de aprendizagem como também de uma educação que se torna mais próxima do aluno.

Essa aproximação não será apenas do processo de aprendizagem. Visto que seguimos na pandemia da Covid-19, a voz, e, portanto, a oralidade, também performaram um papel importante no ensino EaD. Com tantas horas lendo textos e usando telas de computador durante o semestre letivo, o áudio se tornou uma forma de presença, uma forma de companhia um pouco mais encarnada e de sanar certas necessidades sociais. São vozes, sotaques e histórias contadas em primeira pessoa, que chegam diretamente e sem mediação, com o tempo mais natural da fala e do pensamento em ação. Ao mesmo tempo, também descansa nossos olhos das telas e dos textos.

Dessa forma, o objetivo de utilizar didaticamente o *Mundaréu* e o *MunSA* se cumpriu não só pela execução do projeto. Ao observar o conteúdo da Antropologia expandindo o alcance de nossa área e chegando nas turmas de outros cursos, ultrapassando a fronteira acadêmica, da universidade e da sala de aula e chegando nos familiares, amigos e companheiros em casa, já vemos uma pequena mudança. E, apesar de ser uma mudança local, isso abre espaço para que

cada vez mais projetos que utilizam elementos orais, *podcasts* e as tecnologias de áudio possam ser aproveitadas pelas pessoas em geral e contribuam para uma educação mais acolhedora, diversa, divertida e inclusiva.

Referências

ABPOD. 2021. *2018 Podpesquisa*. Disponível em: <<https://abpod.org/podpesquisa/>>. Acesso em: 18 fev.

ABPOD. 2021. *PodPesquisa 2020-2021 Produtores*. Disponível em: <https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-Produtor-2020-2021_Abpod-Resultados.pdf>. Acesso em: 18 fev.

ALARCÓN, Rafael; BENDAYAN, Rebecca.; BLANCA, Maria J. 2017. The student satisfaction with educational podcasts questionnaire. *Escritos de Psicologia Psychological Writings*, 10: 126-133.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1996. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Revista de Antropologia*, 39(1): 13-37.

COOK, Ian M. 2020. Critique of Podcasting as an anthropological method. *Ethnography*. doi:10.1177/1466138120967039

DOWNES, Stephen. 2007. Learning Networks In Practice. En BECTA. *Emerging Technologies for Learning*. Disponível em: <http://partners.becta.org.uk/pagelibrary/documents/research/emerging_technologies07.pdf>.

FLEISCHER, Soraya; MOTA, Júlia. 2021. Mundaréu: Um podcast de Antropologia como uma ferramenta polivalente. *GIS – Gesto, Imagem E Som – Revista de Antropologia*, 6(1).

FLEISCHER, Soraya; MANICA, Daniela. 2020. Ativando a escuta em tempos pandêmicos. In: GROSSI, Miriam Pillar; TONIOL, Rodrigo (org.). *Cientistas Sociais e o Coronavírus*. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha. Disponível em: <<http://anpocs.org/index.php/ciencias-sociais/destaques/2458-livro-cientistas-sociais-e-o-coronavirus-ebook-download-gratuito>>.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. 2016. Antropologia, processo educativo e oralidade: um ensaio reflexivo. *Pro-Posições*, 14(1): 197–213, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643916>>. Acesso em: 19 mar. 2021.

JESUS, Wagner Brito de. 2014. *Podcast e educação: um estudo de caso*. Dissertação de mestrado. Instituto de Biociências de Rio Claro. Universidade Estadual Paulista. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/121992>>.

LACERDA, Paula; PARREIRAS, Carolina. 2020. Podcasts as a teaching and learning tool In

Anthropology. *Teaching Anthropology*. Disponível em: <<https://www.teachinganthropology.org/2020/12/18/podcasts-as-a-teaching-and-learning-tool-in-anthropology/>>. Acesso em: 26 maio 2021.

MOMESSO, Maria Regina; YOSHIMOTO, Eduardo; CARVALHO, Ana Amélia; DIEGUES, Vitor; MEIRELLES, Mauro (org.). 2016. *Educar com Podcasts e Audiobooks*. Porto Alegre: CirKula.

PINHEIRO, Patricia dos Santos; FREITAS, Camilla Iumatti; MAUX, Anatil; SACCO, Stephanie; MACHADO, Glauco Fernandes. 2020. Desconfinando ideias: reflexões sobre mídias digitais e a circulação do conhecimento antropológico a partir do podcast. *Cadernos de Campo*, [S. l.], 29(2).

DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe175301.

Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/175301>>. Acesso em: 26 maio 2021.

OLIVEIRA, Hugo; NASCIMENTO, Luisa. 2020. Mundo na Sala de Aula 1: A minha casa é muito engraçada: tem antropólogos e é ocupada. *Mundaréu*. Podcast.

Disponível em: <<https://mundareu.labjor.unicamp.br/1-mundo-na-sala-de-aula-a-minha-casa-e-muito-engracada-tem-antropologos-e-e-ocupada/>>. Acesso em: 26 maio 2021.

SILVA, Roniel Sampaio; BODART, Cristiano Das Neves. 2015. O uso do podcast como recurso didático de Sociologia: aproximando habitus. *Educação, Ciência e Cultura*, 20(1): 17.

SOLANO, Isabel; SÁNCHEZ, Maria. 2010. Aprendiendo en cualquier lugar: el podcast educativo. *Revista de Medios y Educación*, 36: 125-139.

SOUZA, Raone Ferreira de. 2016. *Usos e possibilidades do Podcast no ensino de História*. Dissertação de Mestrado em Ensino de História. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Instituto de História. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SOUZA, Janine Fontes de; MOTA, Katia Maria Santos. 2007. O silêncio é de ouro e a palavra é de prata? Considerações acerca do Espaço da oralidade em educação de jovens e adultos. *Revista Brasileira de Educação*, 12(36): 505–514.